



PROPRIEDADES TERAPÊUTICAS DA ALOE VERA (Babosa)

Josefa Raquel Luciano da Silva (1); Nyanne Leal do Monte (2) Ellen Tatiana Santos de Andrade (3); Saulo Rios Mariz (4).

- (1) *Discente de Enfermagem e Bolsista do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. jraquel.silva@hotmail.com;*
- (2) *Discente de Enfermagem e Bolsista do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. nyannelealm@gmail.com;*
- (3) *Discente de Medicina e Bolsista do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. ellenandrade-@hotmail.com;*
- (4) *Prof. Dr. dos cursos de Enfermagem e Medicina e Tutor do Pet Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. sjmariz22@hotmail.com.*

RESUMO: A *Aloe vera* tem sido utilizada há milhares de anos na medicina tradicional para o tratamento de diversos males. O intuito desse trabalho foi realizar o levantamento bibliográfico de artigos que evidenciassem a atividade farmacológica dessa planta medicinal. A revisão contemplou livros e periódicos nacionais e internacionais indexados nas bases de dados MEDLINE, LILACS e SCIELO, nos idiomas português e inglês, utilizando as palavras-chave citadas. Após o levantamento bibliográfico, constatou-se que várias atividades biológicas são atribuídas a *Aloe vera*. Evidências sugerem eficácia no tratamento da psoríase, queimaduras e hiperglicemia. Além disto, também foram demonstradas atividades antineoplásica, antimicrobiana, anti-inflamatória e por estudos *in vitro* e *in vivo*. Tendo em vista as várias atividades comprovadas e poucos relatos acerca de sua contra indicação, conclui-se que o uso desta espécie corrobora o vasto uso popular.

Palavras-chave: Aloe vera, Babosa, Plantas medicinais.

INTRODUÇÃO

A espécie vegetal *Aloe vera*, mais conhecida no Brasil como babosa, tem sido empregada no tratamento de enfermidades há milhares de anos. De origem africana, pertence à família das Liliáceas e ao gênero *Aloe*, atualmente com mais de 300 espécies já identificadas. Seu nome babosa foi empossado devido sua alta viscosidade (líquido) apresentada nas folhas (RAMOS; PIMENTEL, 2011).

Conhecida no Egito antigo como a “planta da imortalidade”, teria sido usada por Cleópatra nos cuidados da pele e do cabelo (FEITAS; RODRIGUES; GASPI, 2014). Cresce naturalmente em climas secos e quentes. É constituída pelo tecido denominado mucilagem de *Aloe Vera*, que é composto aproximadamente por 98% de água, os compostos ativos encontram-se nos 2% restantes. No gel da planta foram identificados mais de 75 bioativos, dentre eles aloe-emodina, flavonóides, saponinas,



esteróides, aminoácidos, sais minerais e vitaminas. Os níveis destes compostos nas plantas de Aloe podem variar entre espécies, condições de crescimento e clima (PARENTE, *et al.*, 2013).

A planta é constituída de folhas verdes túrgidas, com formato de roseta. Cada folha é composta de duas partes distintas, sendo uma casca verde externa denominada pele e interiormente composta por uma polpa clara denominado gel. Estudos demonstram varias propriedades terapêuticas atribuídas a *Aloe vera*, dentre as mais importantes: ações antibacterianas, purificantes, purgantes, anticancerígeno, antifúngico e antioxidante (SOTILLI, 2015).

Diante do exposto e, considerando a evolução constante do conhecimento científico sobre atividade biológica de extratos vegetais, o presente trabalho tem como objetivo revisar brevemente a utilização da planta *Aloe vera* como fim terapêutico, descrevendo as aplicações clínicas e contemplar, também, relatos de toxicidade em relação ao uso não tópico da planta, fazendo menção à segurança de uso para fim medicinal.

METODOLOGIA:

O estudo consiste em uma revisão integrativa, que abrange uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Desse modo, durante a revisão integrativa foram realizadas as seguintes etapas metodológicas: Escolha dos descritores: “*Aloe vera*”, “Babosa” “Plantas Medicinais”, “Fitoterapia”; Levantamento bibliográfico preliminar; Coleta de dados: os dados foram coletados durante os meses de Abril a Maio de 2017, nas seguintes bases de dados: SCIELO, PUBMED E LILACS. Foram eleitos os estudos que atendessem aos seguintes critérios: conter pelo menos 02 dos 04 descritores em ciências da saúde (DeCS) pertinentes à temática do estudo, citados anteriormente; estar disponível na íntegra em língua portuguesa ou inglesa; ter sido publicado entre os anos de 2007 e 2017. Foram encontrados 137 artigos e, ao se aplicar os critérios de inclusão, 22 foram selecionados.

É importante que se destaque que, na realização dessa pesquisa, os pesquisadores consideraram as diretrizes éticas que estão contidas na resolução nº 311/2007 a qual dispõe sobre o ensino, a pesquisa, e a produção técnico científica, o que se refere, sobretudo, ao



capítulo III onde são oferecidos os seguintes arranjos:

“ART. 91- Respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados. (COFEN, 2007, p. 6)”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Propriedades terapêuticas da Aloe vera

O uso tópico da *Aloe vera* em ferimentos desempenha o papel de fornecer mais oxigênio, aumentando a vascularização e a quantidade de colágeno para que a cicatrização aconteça. Na cicatrização, com seu uso, o tecido é desinflamado, ocorre à multiplicação das células e o epitélio é remodelado. A atividade antioxidante da *aloe vera* está relacionada com a presença de compostos fenólicos e vitaminas que atuam inativando os radicais livres, favorecendo a prevenção e controle de varias doenças, como por exemplo, doenças cardiovasculares, aterosclerose e doenças neurodegenerativas, incluindo Parkinson, Alzheimer, Diabetes, Isquemia, Artrite Reumatoide bem como o processo do envelhecimento. (RAMOS; PIMENTEL 2011).

Outros estudos explicaram as atividades antidiabética e hipoglicemiante da planta, encontrando melhora significativa da insulina plasmática em animais portadores de diabetes e redução significativa da glicemia em jejum (GUPTA *et al.*, 2014; SHAHRAKI *et al.*, 2009).

A aparição de modo antisséptico, antifúngico, e antibacteriano indicou uma função importante da *Aloe vera* como alternativa à resistência dos microrganismos a antibióticos, conhecida como Resistência Bacteriana Adquirida (RBM), pelo papel na redução da carga microbiana de algumas espécies de bactérias como *Staphylococcus aureus*, *Bacillus spp.*, *Enterococcus spp.*, *Escherichia coli*, *Salmonella typhimurium*, *Pseudomonas aeruginosa*, entre outros (ALCÂNTARA; BEZERRA. CARVALHO, 2014).

Estudos experimentais descrevem a atividade antineoplásica da *A. vera* frente a diversas linhagens de câncer (mama e colo de útero, por exemplo). Supõe-se que a aloína, aloe-emodina e a acemanana sejam parcialmente responsáveis por essa atividade.

O estudo randomizado de Choonhakarn et al. (2010) comparou a eficácia do creme de *A. vera*, com um creme contendo 0,1% de triancinolona acetona, em oitenta pacientes portadores de psoríase de estágio leve a moderado. Observaram que o creme contendo *A. vera* foi mais eficaz na melhora dos sintomas clínicos do que o tratamento convencional.



A utilização de xarope contendo gel de *A. vera* na concentração de 50% proporcionou melhora clínica e de indicadores respiratórios funcionais em pacientes portadores de asma brônquica, sem que houvesse efeitos colaterais expressivos. Os pacientes, participantes do estudo, diminuíram a utilização de outros medicamentos antiasmáticos e pôde-se demonstrar também que a nebulização do extrato de *A. vera* protegeu o paciente frente à hiper-reatividade bronquial provocada pela carbacolina (FREITAS; RODRIGUES; GASPI, 2011).

Toxicidade

Especificamente no caso da *Aloe vera* pode-se reportar lesão hepática, provocada por uma hipersensibilidade à planta que contém alcaloides que podem induzir as enzimas hepáticas, como o citocromo P450 ou que podem interagir com o sistema autoimune. Na ocorrência de uma lesão hepática aparecem sintomas sutis como desconforto abdominal, náuseas e febre (FRAGOSO. 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Referências para o uso de *Aloe vera* como um agente curativo podem ser achadas nas culturas dos antigos egípcios, chineses, gregos, indianos e também na literatura cristã. Pode-se concluir que sua procura e seu uso são extremamente notórios e propagados no mundo inteiro, mesmo atualmente.

A *aloe vera* possui uma ampla atividade curativa, considerando sua atuação na promoção da saúde, sobre varias patologias que acometem a população, tendo atividades antibacterianas, anti-inflamatórias, cicatrizantes, antioxidantes, no controle da glicemia, da tuberculose, de neoplasias; todas essas ações, já comprovadas. Seu uso tem sido recomendado como uma terapia adicional não somente pela sua ação eficaz, mas também porque é um tratamento menos oneroso e de fácil acesso à população.

A ideia de que plantas medicinais são inócuas, que não apresentam potencial de toxicidade por serem naturais ainda é frequente, podendo levar a serias implicações, efeitos colaterais, interações medicamentosas e intoxicações sem precedentes, Nesse sentido, é imprescindível a padronização do uso da *A. vera*, com objetivo de conservar melhor suas características químicas e a definição da melhor forma de sua aplicação. Fica evidente a ampla gama de atividades que esta espécie possui, sendo necessários, porém, estudos controlados com maior número de participantes, para que sejam definidas dose e forma segura para o seu uso.



REFERÊNCIAS:

ANVISA. Esclarecimento sobre comercialização de Aloe Vera (babosa) e suas avaliações de segurança realizadas na área de alimentos da ANVISA, v. 47, p.1-7, Novembro de 2016.

CHOONHAKARN, C. et al. A prospective, randomized clinical trial comparing topical aloe vera with 0,1% triamcinolone acetonide in mild to moderate plaque psoriais. *Journal of the European Academy of Dermatology and Venereology*, v. 24, n. 2, p.168-172, 2010.

FALEIRO, C. C., et al., O extrato das folhas de babosa , Aloe Vera na cicatrização de feridas experimentais em pele de atos, num ensaio controlado por placebo. *Natureza online*, v.7, n.2, p. 56-60, 2009.

FRAGOSO, L. R.. Risks and Benefits of Commonly used Herbal Medicines in México. *Toxicol Appl Pharmacol. Mexico*, v. 227, n. 1, p. 125-135, Fevereiro de 2008.

FREITAS, V.S.; RODRIGUES, R.A.F.; GASPI, F.O.G. Propriedades farmacológicas da *Aloe vera* (L.) Burm. f. *Rev. Bras. Pl. Med*, Campinas, v.16, n.2, p.299-307, 2014.

MANUEL, V. Y. L. L. A planta medicinal Aloe Vera na indústria alimentar. P.1-41, Maio, 2011.

GUERRA, M.F.L. et al. Uso empírico in natura de Aloe sp em portadores de conjuntivite. *Revista de Enfermagem da UFPE*, v.2, n.1, p. 36-46, 2008.

GUPTA, Rajendra Kumar ET al. Preliminary Antiplatelet Efficacy of Aloe Vera Moithwanh on 4 Day Plaque Re-Growth Model: Randomized Control Trial. *Ethiopian of Journal Health Scienci*. India, v. 24, n. 2, p.139-144, 2014.

MENDES, S. S., et al. Dados químicos e farmacológicos sobre as plantas utilizadas como medicinais pela comunidade da zona rural de são luís. *IV congresso de pesquisa e inovação de rede norte e nordeste de educação tecnológica*, p. 1-7, 2009.

OLIVEIRA, S. H. S., SOARES, M. J. G. O. ROCHA, P. S. Uso de cobertura com colágeno e aloe vera no tratamento de ferida isquêmica: estudo de caso. *Esc. Enferm*. v. 44, n. 2, p.346-351, 2010.

OLIVEIRA, I. V. P. M; DIAS, R. V. C. Cicatrização de feridas: fases e fatores de influência. *Acta veterinária Brasilica*, v.6, n.4, p. 267-271, 2012.

PARENTE, L. M. L.; CARNEIRO, L. M.; TRESVENZO, L. M. F.; GARDIN, N. E. Aloe vera: características botânicas, fitoquímicas e terapêuticas Aloe vera. *Arte Médica Ampliada*, v. 33 n. 4, Dezembro de 2013.

RAMOS, A. P., PIMENTEL. L. C. Ação da babosa no reparo tecidual e cicatrização. *Brasilian jornal*, vol.2, n.1, p.40-48 Janeiro/Abril 2011. Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 121-127, Fevereiro de 2011.



SHAHRAKI, M.R.; MIRSHEKARI, H.; SHAHRAKI, A.R.; SHAHRAKI, E. Prevention of Aloe vera extract on Glucose, serum lipids in fructose-fed adult male rats. *Iranian Journal of Diabetes, and Lipid Disorders*. London, p. 137-142, 2009.

SILVEIRA, P. F., BANDEIRA, M. A. M., ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. *Rev. Bras. Farmacognosia*, v.18, n.4, p. 618-626, Dezembro de 2008.

SOTILLI, C. M. Utilização de *aloe vera* na promoção da saúde e seus riscos em potencial pelo uso Indiscriminado, 2015.

ZILMER, J.G. V., *et al.* Utilização da Babosa no Cotidiano de Usuários Portadores de Câncer. *Ver. B. S. Público Miolo*, v. 34, n. 4, p.773-782, Dezembro de 2010.

